
A EXPERIÊNCIA DE ANTROPOLOGIA VISUAL EM UMA CASA DE BATUQUE EM PORTO ALEGRE*

Jacqueline Britto Pólvara

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Brasil

Resumo: *Este estudo examina a vivência cotidiana de um grupo de batuqueiros – pessoas ligadas a uma das modalidades de Religião Afro-Brasileira de Porto Alegre – tendo como ponto de partida a casa da mãe-de-santo, a experiência de pertencimento a uma Família de Santo e, posteriormente, os deslocamentos deste grupo na cidade, principalmente em seus espaços de lazer. Tais vivências cotidianas revelam-se intermediadas pelas concepções e valores religiosos, mostrando os batuqueiros enquanto sujeitos inseridos numa ordem cosmológica tradicional de mundo. A utilização de fotografias neste trabalho se dá em níveis distintos. Inicialmente, enquanto imagens que subsidiaram a construção da escritura. Num segundo momento, enquanto material de troca e inter-relação com o grupo, onde se revelou a persistência da visão sagrada de mundo totalizando as experiências cotidianas batuqueiras. Finalmente, as fotos complementam a escritura, enquanto imagens que revelam a sensibilidade religiosa do grupo, requisito que o texto escrito, por si só, não preenche.*

Palavras-chave: *afro-brasileiros, antropologia visual, batuque, religião e cosmologia.*

Abstract: *This study examines the daily life of a group of batuqueiros – people linked to a certain modality of Afro-Brazilian religion in Porto Alegre. It focuses on the house of a Mae-de Santo, the experience of belonging to a Family-of-Saints and, later, the moving about of this group in the city, principally in its leisure spaces. Such daily experiences are permeated by religious conceptions and values, showing the batuqueiros as subjects inserted into a traditional cosmological order of the world. The use of photographs in this work takes place in distinct levels. Initially, as the images which supplied material for the written text. Second, as a means of exchange and interaction with the group in which the sacred world vision persists, totalizing*

* Agradeço à Maria Henriqueta Satt que, através de seus escritos, estimulou-me a refletir e escrever sobre essa experiência fotoetnográfica.

the daily experiences of the batuqueiros. Finally, the photos serve as a supplement to the written text, as images which reveal the religious sensitivities of the group, a quality which the written text alone cannot fulfill.

Keywords: *Afro-Brazilian, batuque, religion and cosmology, visual anthropology.*

A proposta deste estudo é fazer alguma coisa que eu mesma não havia dedicado muito tempo para tal tarefa. Pensar a utilização que fiz das fotos obtidas em meu trabalho de campo é de alguma forma quase como repensar o próprio trabalho de campo, já que ambos, as fotos juntamente ao trabalho de campo, foram sendo feitos num ritmo mais de experimentação do que de forma pré-estipulada.

Refiro-me ao fato de que tanto o trabalho de campo como as fotos ali obtidas foram sendo feitos junto ao ritmo do grupo pesquisado, sob a sua disposição e aval. A experiência que trago para relatar aqui está registrada em minha dissertação de mestrado,¹ trabalho que intitulei A Sagração do Cotidiano e que é um estudo de sociabilidade vivenciada em um grupo de batuqueiros – pessoas ligadas entre si pela prática e crença no batuque, uma das modalidades de religião afro-brasileira de Porto Alegre. As fotos que vou lhes mostrar aqui são algumas das que compõem o texto visual deste trabalho e considero que se encontram inseridas como complemento do texto escrito, já que apenas este não revelaria todas as imagens batuqueiras que me foram expressas e que eu gostaria de mostrar.

Para que eu introduzisse a câmera fotográfica junto à família-de-santo fez-se necessário algum tempo para que uma relativa intimidade pudesse ser construída. Tratava-se também de uma timidez minha na utilização do equipamento, já que eu mesma achava intromissora a minha presença, quanto mais a do equipamento fotográfico.

A estratégia de pesquisa que eu traçara para o campo era a de tentar interferir o menos possível nos ritmos e rumos dos acontecimentos. Mesmo estando ciente da complexidade que envolve tal tarefa, tudo o que eu não que-

¹ Essa dissertação foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em setembro de 1994.

ria era criar uma situação artificial “de pesquisa”, situação em que meus colaboradores talvez fizessem menos ruídos do que habitualmente. Minha intenção era não só conhecer um pouco da tradição religiosa batuqueira, mas também vê-la articulada, entrelaçada na vida cotidiana dessas pessoas. E, surpreendentemente para mim, a religião encontrava-se consagrando o cotidiano daquelas pessoas e, na mesma proporção, o cotidiano encontrava-se permanentemente sacralizado. As situações de encontros, o comportamento comum, maneiras de comer, de conversar, de posicionar-se diante da mãe-de-santo e dos irmãos-de-santo, todas as atitudes assim como os valores expressos cotidianamente encontravam-se fundados na tradição religiosa.

Assim, a obtenção das fotos foi guiada também por essa percepção que é dos batuqueiros. Se registrar algumas situações corriqueiras era para o grupo bem aceito e inclusive incentivado, outras situações rituais não me era acessível fotografá-las. Em algumas casas de batuque de Porto Alegre, o material ritual, assim como os filhos-de-santo que são possuídos por seus orixás,² não podem ser fotografados ou filmados. É um interdito justificado pelas tradições religiosas. Em outras palavras, a noção de sagrado do grupo entrelaçou-se também na minha utilização da câmera fotográfica, orientando a lente, o tempo e as ocasiões indicadas para a sua utilização.

Minha primeira tentativa se deu na ocasião de uma festa ritual, um batuque. A euforia e ao mesmo tempo preocupação da mãe-de-santo para que tudo desse “certo” e ficasse “bonito”, formava para mim o momento ideal de introduzir a câmera. A autorização da mãe-de-santo para que eu fotografasse o evento impôs-me a condição: eu poderia registrar o evento até a “chegada” do primeiro orixá “no mundo”. E assim o fiz, integrando a máquina ao ritual, já que eu participava deste, ajudando a receber e servir os convidados para a festa, complementando ambas as funções no ritual.

Nessa festa, enquadrei as cenas que mais me sensibilizavam daquele grupo, numa espécie de livre registro daquilo que meus sentidos acusavam como sendo importante naquele momento. Trata-se da mesma estratégia utilizada em campo até então, que fora a de convívio e conseqüente recusa da situação artificial “de pesquisa” e o posterior registro no diário de campo das situações que experimentava entre batuqueiros. Para essa forma de inserção mediada

² No batuque, se diz que alguém é/está “possuído” (ou “ocupado”) por seu orixá (divindades afro-brasileiras) quando vivencia corporalmente a experiência ritual da possessão.

pelo equipamento técnico, Satt³ denominou de “plano/limite”, e eu a cito aqui, considerando esta metodologia “sendo estruturada intuitivamente, tecida nas malhas do acaso” (Satt, 1995, f. 8).



Naquele ritual, alguns filhos-de-santo fugiam da câmera, não queriam (ou talvez queriam) ser fotografados. Parecia-me, às vezes, que precisavam de um momento mais importante do que aquele, preparatório do ritual, ou então não precisavam ser fotografados, eu é que queria tê-los registrados.

Depois dessa primeira vez, os filhos-de-santo daquela casa já sabiam que poderiam eventualmente ver-me com a máquina fotográfica. E nas situações seguintes, eu já ia sendo aos poucos solicitada para fotografar dois que se encontravam, outra pessoa com o presente que ofertava

para o orixá, alguém junto a um objeto ou a um amigo mais caro, etc. Algumas pessoas foram num crescente ficando à vontade com o equipamento.

Nessa primeira etapa, as fotos que obtive são um resultado do encontro da pesquisadora, da máquina e do grupo, já que este dirigia as fotos que eu deveria registrar.

Quando voltei ao grupo com as fotos prontas, foi como se estivesse retornando com algo muito inédito para eles. Eu mesma não contemplava a

³ O trabalho dessa pesquisadora versa sobre as imagens do batuque em Porto Alegre e integra interdisciplinarmente técnicas de pesquisa antropológica e recursos de comunicação visual.

idéia de que eles pouco se viam em fotografias, e elas acabaram sendo um de meus contradons ao grupo. Ao ver tanta satisfação com que se viam nas fotos, e ao mesmo tempo a frustração dos que não apareciam, fui envolvida em compromissos e obrigações para as próximas situações, em que deveria fotografá-los novamente.

Uma segunda etapa deste trabalho coincidiu também com o ritmo e o andamento do trabalho de campo. Depois de alguns meses junto ao grupo, encontrava-me com as questões de trabalho mais definidas, inclusive as observações em campo gradualmente deixavam de ser tão livres, e já se encontravam numa fase mais elaborada e, portanto, mais dirigida. Agora, já me sentia relativamente tranqüila com relação à tradição religiosa, já conhecia um pouco melhor os fundamentos batuqueiros e, nessa etapa, usufruía de relativa intimidade com aquela família-de-santo, fato este que me colocou mais à vontade para inserir o equipamento também nos momentos corriqueiros e ordinários dos batuqueiros.

De qualquer forma aqui, muitas vezes, o uso da câmera parecia sem sentido para o grupo. Não entendiam o porquê de meu desejo de lhes fotografar separando guarnições rituais para os orixás, preparando comidas ao redor do fogão, ou mesmo sentados numa mesa tomando café da tarde. E, de minha parte, não sabia muito bem lhes explicar que estes eram os “meus dados” e por que eram importantes para mim.

Havia ainda um outro ponto: essas situações, quando registradas, mostrariam o que há de comum em suas vidas.





Tratava-se aqui de se comparar com as outras fotos: as que registravam os momentos de festas, em que tudo e todos brilham, em que estão “arrumados”, “bonitos” e “ajeitados”, perfumados e maquiados e com os cabelos penteados diferentemente. Nas festas, os batuqueiros acentuam e reforçam os valores estéticos que comungam entre si, ou seja, é importante o exagero nas jóias e adereços dourados, mostrando exuberância e luxúria, estarem bem vestidos, as mulheres fortemente perfumadas e maquiadas, exibindo seus modelos preparados especialmente para aquela ocasião. Além disso, nas festas é o momento de comungarem a far-

tura que os orixás lhes dispõem; é momento de desperdício – desperdício material e corporal. As relações são intensificadas tanto pelos encontros dos que há muito não se vêem quanto pelos diálogos e acordos que trocam nessas ocasiões.

Assim, registrar pela lente as ocasiões que não eram festas não só aparecia como sendo sem sentido para os batuqueiros como também mostraria a realidade sem tanto “enfeite”, sem o vigor e a intensidade que tanto comungam. Foi assim que um pai-de-santo dirigiu-se à pesquisadora citada anteriormente, e que registrara em vídeo algumas imagens de sua casa de batuque, perguntando-lhe cruamente: “é só isso?”, como se estivesse decepcionado porque naquela gravação não havia nada artificialmente criado – nem mesmo iluminação no ambiente – além do episódio tal como havia acontecido. Talvez isso justifique o fato de que, sempre que intentei fotografá-los em seus afazeres comuns, inquiriam-me: “Mas tu vai me tirar retrato assim, com esta roupa? Vão pensar que a gente aqui é pobre”. Ou então, pediam que eu esperasse um pouco, para que se “ajeitassem”: “Péra aí que eu vou passar um batonzinho,

não vou aparecer com a cara lavada.” Em situações de festas, para os batuqueiros, há um motivo de comemoração, um porquê de um registro. As imagens de uma festa serão fornecidas como um resgate de um momento importante e significativo na sociabilidade batuqueira.

Nesse segundo momento da pesquisa, o registro das imagens batuqueiras em fotos tomava uma dimensão mais importante, à medida que constatava, em campo, a importância do sentido visual para aquele grupo.

A visão entre batuqueiros será um dos primeiros identificadores sobre o orixá protetor de cada sujeito. O desenho do corpo, e especificamente da cabeça, dirá qual orixá protege e zela por alguém. Então os batuqueiros identificarão visualmente essa sagração dos sujeitos. Ninguém, entre batuqueiros, é apenas alguém, mas sempre se é de um orixá. Da mesma forma, será a partir do sentido visual que os batuqueiros tecerão seus comentários sobre os eventos dos quais participam, sempre cunhando expressões que adjetivam as situações: “a festa estava bonita”, “o salão estava bem enfeitado”, “a roupa do pai-de-santo era muito linda”, “o quarto-de-santo estava farto” e assim por diante.

Na mesma proporção, será a visão que determinará se um batuqueiro é “bom batuqueiro” ou não, porque se diz no batuque que alguém “tem boa visão” quando consegue “ler” com precisão e clareza as mensagens expressas através do jogo de búzios.⁴



⁴ O jogo de búzios é o oráculo batuqueiro, através do qual os orixás se manifestam, predizendo ou orientando a vida dos filhos-de-santo.

Uma vez constatada por mim a especificidade desse código sensorial entre batuqueiros, o passo seguinte foi considerar a importância do comportamento gestual e das posturas corporais expressas naquele grupo. No batuque, comunica-se o tempo todo através dos gestos, sendo muitas vezes imposta a necessidade de compreender um olhar lançado por um orixá ou mesmo pai-de-santo. Eu adentrava então, mais uma vez, numa área em que se fazia necessária a inclusão de outros métodos de observação e registro. Surpreendia-me com a interpenetração das esferas do sagrado e do cotidiano.

A expressão da corporalidade nos momentos cotidianos é carregada de significados religiosos: o caminho que se percorre ao se entrar numa casa de religião, passando pelos espaços hierarquicamente dispostos, a obrigatoriedade de “bater cabeça” (com o corpo estendido no chão) aos orixás, aos pais-de-santo, de beijar as costas das mãos, de se curvar diante de alguém religiosa e hierarquicamente superior; a adoção de posturas singulares para fazer refeições; o tremor do corpo e a tomada de postura diferenciada quando “possuído” por um orixá; a dança diferente para cada divindade; o caminhar no salão com pés descalços e o andar curvado por entre as divindades. Há, enfim, entre os



batuqueiros um código corporal que lhes imprime certa especificidade em relação a outros grupos religiosos.

Essa especificidade corporal passei então a buscar com o olhar da lente. Aqui, como vemos, entro numa busca específica de registros. Minha intenção era registrar tudo aquilo que não era da ordem do verbal, todos os outros códigos que só o registro visual poderia obter. O batuque, e os momentos entre batuqueiros, fornecem imagens cuja plasticidade define na cena mesma alguns dos valores do grupo, alguns itens de sua visão (religiosa) de mundo.



Por outro lado, mas ainda nesta etapa do trabalho, ao retornar com as fotos, observava a “confusão” das esferas sagradas e cotidianas, expressa na leitura dos batuqueiros sobre estas. Ao examinar, por exemplo, uma imagem que registrei de um filho-de-santo cumprimentando ajoelhado e muito reverentemente sua mãe-de-santo, um batuqueiro disse-me: “este aqui tá bem ocupado (possuído), né?”, referindo-se à postura corporal de seu irmão-de-santo, que poderia de fato estar ocupado, só que eu não tinha autorização para registrar os batuqueiros quando possuídos por seus orixás, e,

portanto, o filho-de-santo não fora registrado quando de sua possessão. Eles mesmos não conseguiam definir que momento era aquele que estava registrado. E da mesma forma, como a possibilidade da possessão entre eles é algo corriqueiro, fica-lhes difícil a distinção dos momentos.

Outra situação envolveu um erro no registro fotográfico e que foi também interpretado pelos batuqueiros como uma interferência sagrada.

Eu registrara a mãe-de-santo dentro do quarto-de-santo (o lugar onde “moram” os orixás) e portanto numa situação estratégica e perigosamente sagrada. A pouca luminosidade, somada ao fato de que o *flash* não disparou, resultou numa imagem turvada, em que a figura da mãe-de-santo aparecia deslocando-se no espaço, e a foto registrou o movimento seqüencial de várias figuras da mãe-de-santo. A esse erro no registro, os filhos-de-santo não pestanejaram. Alguns me advertiram do perigo da situação: os orixás não haviam gostado e haviam interferido na foto. Outros a leram como a própria obra sagrada: os orixás haviam dado aquele efeito, como prova de sua existência.

A situação que fora, para mim, limitada pelos recursos técnicos, para os batuqueiros não possuía outro sentido que não a interferência sagrada: os orixás, agentes divinos responsáveis pelas vidas dos batuqueiros, manifestam sua sacralidade mesmo nas mais inesperadas situações, como nos registros fotográficos.

O terceiro momento de meu trabalho consistiu na escritura definitiva do texto final. Para tal intento, utilizei as fotos intencionalmente, desta vez mais articuladas e integrando-as aos resultados que começava a sistematizar pelos escritos.

As fotos foram, de certa forma, os motivos que me impulsionaram na escritura. Não sabia como ou por onde começar e minha estratégia foi então a de suavizar esse esforço de racionalização e elaboração do trabalho final. Aliando então minha própria necessidade de visualizar o grupo, antes de substancializá-lo pela escrita, montei em meu painel uma espécie de exposição dessas fotos, cujo roteiro foi traçado em função dos capítulos que planejara escrever. Assim, compus em blocos de fotografias, as imagens que comporiam a escritura de cada capítulo. Essas imagens demonstravam, sem dúvida alguma, muito mais do que eu conseguia explorar. E por isso mesmo sempre foram fonte inspiradora na escritura. Nesse terceiro momento, elas foram para mim a forma que encontrei para integrar texto e imagens, já que muito do que estava sendo escrito eram também imagens que eu tinha na mente.

Havia, ainda, muito mais fotos que poderia explorar enquanto estratégia de prolongar o olhar sobre o grupo pela fotografia. Aos poucos fui incorporando-as no texto. Outras ficaram guardadas, esperando o momento para entrarem em cena. O último momento em que trabalhei com as imagens batuqueiras foi quando da finalização do texto. Uma vez a escritura findada, era a hora de rever todas as fotos e ver onde se adequavam no todo do trabalho. Boa parte foi aproveitada, mas mesmo assim muitas ficaram de fora.

O resultado foi uma razoável contextualização visual da estética social do grupo, dos seus momentos de estar-juntos, de trajarem suas roupas, de escolherem seus ornamentos, de comemorarem nos batuques, de cochicharem no ouvido, de sorrir e dançar quando estão nas festas carnavalescas, enfim, de se mostrarem batuqueiros.

Para finalizar, gostaria ainda de explorar uma situação que foi por mim pensada enquanto limite na obtenção das fotografias entre os batuqueiros. Trata-se da proibição religiosa ao registro dos filhos-de-santo possuídos por seus orixás. Sempre me via bastante desapontada com o fato de ter que interromper o registro fotográfico justo num momento, para mim e para os batuqueiros, crucial dos batuques: o momento da possessão. Essa proibição religiosa, como já falei, está alicerçada na crença batuqueira de que um filho-de-santo não sabe que é possuído por seu orixá. Tomar consciência desta possessão do sujeito batuqueiro pelo divino é, para os batuqueiros, perigoso: não são poucos os relatos de filhos-de-santo que enlouqueceram, de famílias-de-santo que se desagregaram e de um ou outro que morreu, depois que teve esta situação revelada. Tomar fotos de um orixá ocupando seu filho-de-santo seria um desafio para o sujeito e sua família-de-santo que não poderia ser estabelecido.

E por muito tempo pensei, com pesar, nessa proibição. Olhava para os batuques se desenrolando e lamentava não poder registrar algumas cenas que, julgava, eram importantes e significativas daquele universo religioso.

Dessa forma, a ausência dessas cenas, assim como a presença de outras em meus registros fotográficos do grupo, me fez pensar melhor sobre esta proibição. Tratava-se, acima de tudo, de um interdito religioso que, se ultrapassado, consistiria no registro justamente daquilo que há de mais sagrado para os batuqueiros: a presença, via possessão, de uma divindade no mundo dos homens.

Ora, o afã de um pesquisador é o de ter tudo, ou o máximo de elementos possíveis registrados, seja em seu diário de campo, seja no equipamento que carrega consigo. A ânsia para que nenhum dado lhe escape das mãos esbarrou, em minha situação específica de pesquisa, com o registro daquilo que era de uma ordem mais do que sociológica, ou antropológica: Era da ordem do divino. E não havia discurso, nem racional nem visual, que pudesse captar e registrar, além do momento aquele que eu atestaria, único, de experimentação e vivência, intransferível e intransmissível, junto a um orixá.

O sentido desse paradoxo só se esclareceu quando parei para pensar nessa experiência visual junto aos batuqueiros. Dessa forma, acredito ser este mais um dos caminhos que experimento intuitivamente.

Se o cotidiano batuqueiro encontra-se visivelmente permeado de suas concepções sagradas, a ponto de que eu mesma pude registrá-las fotograficamente nos gestos, nas posturas, nas aglomerações rituais e ainda, na vivência batuqueira festiva e lúdica que são por si só sagradas, então o ápice desta experiência – que é a presença concreta e materializada do orixá via posseção de seu filho –, apesar da concretude da situação, não cabe na lente fotográfica, porque todo o resto já coube. Tratava-se, acima de tudo, de esforços e tentativas minhas em registrar uma experiência única e singular dos batuqueiros. Estar na presença dos orixás é a forma transcendental dessas religiões e a autorização deste registro significa interromper, bloquear ou mesmo revelar tal transcendência.

Estes apontamentos, na medida em que são leituras minhas sobre o grupo, são, sobretudo, experimentações as quais me permito realizar, uma vez que estou refletindo e tentando dar lógica a uma experiência onde meus próprios colaboradores-batuqueiros não vêem sentido no exercício racional. A experiência com o sagrado batuqueiro é – e sempre o foram as religiões tradicionais – da ordem do vivido, e não do pensado. Cabe a nós, antropólogos, atentarmos também a essas outras linguagens nem sempre expressas verbalmente, como importantes pistas para a compreensão de nossos universos de pesquisas.

Referência

SATT, Maria Henriqueta. *Circularidades e superfícies: uma leitura das imagens batuqueiras*. Dissertação (Mestrado)–Departamento de Multimeios, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.